

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

17228 - Resumo Expandido - Trabalho - XV Reunião ANPEd Sul (2024)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 23 - GE Cotidianos - éticas, estéticas e políticas

CRIANÇAS HUNI-KUIN: VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS EM TERRITÓRIOS ATRAVESSADOS POR TENSÕES

José Valderi Farias de Souza - UFAC - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE

Agência e/ou Instituição Financiadora: Sem financiamento.

CRIANÇAS HUNI-KUIN: VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS EM TERRITÓRIOS ATRAVESSADOS POR TENSÕES

Resumo

Trata-se de pesquisa realizada com crianças da etnia Huni Kuin (Kaxinawá), cujo objetivo buscou compreender como as crianças, atravessadas por vivências e tensões cotidianas variadas, conseguem dar sentido às suas práticas e resistir. Versa-se de pesquisa qualitativa, na qual a inserção do pesquisador junto aos espaços cotidianos frequentados pelas crianças, foi delineando as observações e as variadas possibilidades de conversas e escutas. Nesse sentido, lugares como: o cultivo de cereais e frutíferas variadas, a pescaria no rio Envira, bem como a participação nos rituais e festividades culturais, foram singularmente significativos. Teóricos e pesquisadores como Norbert Elias (sociologia), Michel de Certeau (história e sociologia), Aracy Silva (antropologia e infância), dentre outros, foram fundamentais no entendimento e análise das informações construídas com as crianças. Elas demonstraram nítida consciência de que vivem em ambientes tensionados por todos os lados, atuam nessas configurações e expressam isso por meio de suas falas, desenhos, brincadeiras e atividades coletivas cotidianas. Observou-se ainda que as tensões vivenciadas pelas crianças são oriundas da distribuição desigual do poder em suas redes, denotadas através da pressão que sofrem por viverem tanto exprimidas em territórios cobiçados por caçadores, madeireiros, mineradores e pelo agronegócio, quanto pela ausência de políticas públicas diferenciadas e específicas.

Palavras-chave: Criança Huni Kuin. Territórios e Tensões. Vivências Cotidianas. Relações de Poder.

Introdução

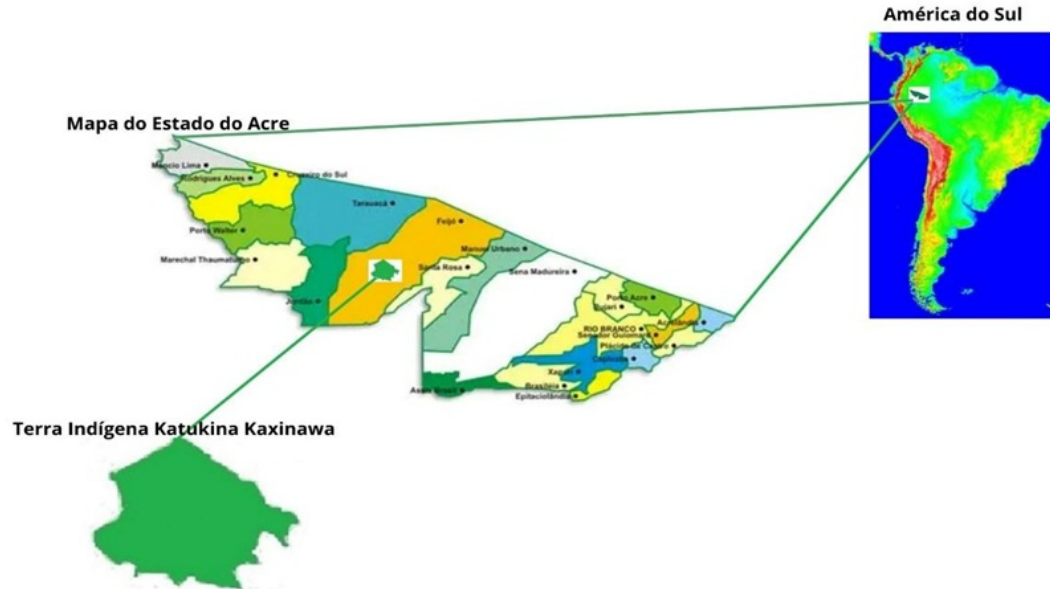
Trata-se de pesquisa realizada com crianças da etnia Huni Kuin (Kaxinawá), localizada na terra indígena Katukina/Kaxinawá, município de Feijó-AC, onde habitam os povos das etnias Huni Kuin (Kaxinawá) e Shanenawa (Katukina), ambas pertencentes à família linguística Pano. A pesquisa buscou compreender como as crianças, atravessadas por vivências e tensões cotidianas variadas, conseguem dar sentido às suas práticas e resistir às variadas formas de violência, sejam elas simbólicas ou reais.

As crianças Huni Kuin, desde sempre, carregam consigo memórias de perseguições ancestrais que são constantemente reavivadas como um réquiem que se repete por meio das pressões sociais que agem sobre elas, não sendo tão fácil modificar essa condição. Sobre essa questão, analisou Elias (1994) que essa é uma condição de todo sujeito (sofrer pressões e relações de poder em suas próprias redes), no entanto, ele atua na configuração, construindo e

encontrando alternativas capazes de modificá-las, mesmo as crianças.

O território transfronteiriço dessas crianças, e historicamente ocupado por essas populações, estende-se por vasta extensão da Amazônia Brasil-Peru, como pode ser visto no mapa a seguir.

FIGURA 1 - Mapa da terra indígena Katukina kaxinawá



FONTE: Adaptado do site do IBGE (2021).

Essas populações, que em um primeiro momento pareciam ter plena hegemonia sobre a Amazônia, logo passaram a ser perseguidas, escravizadas e, em grande parte, dizimadas. A região, com forte presença das populações indígenas, passou, a partir das primeiras décadas do século XX, incentivada por políticas governamentais, a receber grandes levas de migrantes nordestinos em busca da exploração da borracha amazônica. A literatura sobre esse tempo, descreve que “em 1913 a região do Juruá (Acre) contava com 40 mil migrantes (em sua maioria cearenses), e o Purus 60 mil. A violência era organizada. A função dos mateiros não era somente abrir estradas de seringa, era também limpar a área de índios brabos”.

Sobre esse período, o historiador Marcos Vinicius (2015), conta que os indígenas Huni Kuin, pelo fato de terem sido os primeiros a serem contactados na região, foram os que mais sofreram com os variados tipos de crueldades cometidas pelos patrões. O pesquisador fala que “existiam pessoas especializadas em matá-los. Algumas crianças eram jogadas para cima e apanhadas com a ponta das lanças. Uma verdadeira barbárie”. (2015, n.p.). Ao longo dos séculos, o genocídio e a perseguição às populações indígenas foram aprofundados, populações inteiras foram dizimadas, outras escravizadas ou condenadas a ocultar sua cultura, sua língua e os seus costumes.

A criança Huni Kuin, cuja vida se equilibra nas memórias de um passado de lutas, resistência e quase extermínio, vem procurando encontrar no presente/passado, elementos que reafirmem a sua identidade enquanto povo. Por seu espírito sempre atento e colaborativo, as

crianças fazem-se indispensáveis na dinâmica coletiva da aldeia, são elas que demonstram grande envolvimento na preparação e realização das festividades culturais e, mesmo vivenciando os limites próprios de uma criança -existentes até mesmo nas sociedades indígenas, cuja liberdade apresenta-se bem mais elástica que nas sociedades capitalistas-, a criança Huni Kuin parece ter um pouco mais de controle sobre o tempo, uma certa autonomia para alterá-lo, manipulá-lo a seu favor.

Ao analisar as tensões e relações de poder assimétricas vivenciadas pelas crianças em suas redes de interdependências, o estudo ancora-se no pensamento e categorias construídas por Norbert Elias (1994), assim como, e em Michel de Certeau (1998), nos ajudando a compreender melhor o uso, pelas crianças, das variadas táticas de resistência diante da força opressora do agronegócio, do avanço do tráfico de drogas e da caça predatória. Ao mesmo tempo, Aracy Silva & Ângela Nunes (2002) colaboram com a compreensão de que as crianças constroem culturas próprias (em relação com os demais grupos geracionais com os quais convivem), sendo capaz de dar significado ou mesmo ressignificar as informações que acessam em seu cotidiano.

Metodologia

Durante cerca de dois anos, e através de visitas pontuais (ao todo, foram seis visitas com estadias do pesquisador que duravam entre uma a três semanas em cada uma das vezes), teve-se a oportunidade de conversar com 16 (dezesesseis) crianças, com idades que variavam entre 6 e 12 anos. Assim, mais que selecionar ou escolher as crianças, optou-se por construir um itinerário de pesquisa no qual as crianças fossem, no decurso da pesquisa, tendo a opção de participar ou não do estudo.

As conversas, observações e atividades desenvolvidas com as crianças, aconteceram dentro das circunstâncias cotidianas nas quais elas estavam envolvidas, seja nos afazeres domésticos, como no momento em que iam pegar água no açude, ou quando eram designadas a transmitir recados a um vizinho ou a outra aldeia. Atividades recreativas, como o jogo de futebol no final da tarde ou nos intervalos da escola, eram ações quase que cotidianas; assim como atividades relacionadas às festividades tradicionais, bem como práticas de caça e pesca.

Em pesquisa com criança, entende-se que mais do que entrevistar crianças ou a constitui-las como objeto de observação com a intenção de produzir dados, é fundamental que o pesquisador se coloque na condição de escuta atenta dos sujeitos diretamente envolvidos, procurando perfazer um itinerário de observação e conversa e da construção de uma pesquisa não hierárquica entre todos os sujeitos participantes.

Análise e discussão de resultados

Apesar do histórico e permanente processo de negação e violência (em muitos casos, extermínios de etnias inteiras) praticados em desfavor dos povos originais, em nosso caso, do povo Huni Kuin e suas crianças, a resiliência e a capacidade permanente de

significar/ressignificar as suas existências os fez resistir à barbárie contra os seus territórios e a sua forma de ser no mundo.

Esta pesquisa representa, neste caso, a possibilidade de dialogar, conhecer e compreender de maneira mais aproximada, o cotidiano das crianças indígenas de etnia Huni Kuin, com a inquietude de entender a infância a partir do olhar próprio da criança, analisando se essa mesma criança pode estar envolvida e como se insere nos rituais, nas danças, desenhos, nas variadas formas de manifestações culturais e como entendem e veem os seus mundos, na inter-relação com os diversos contextos e sujeitos de suas vivências. Contexto este, tensionado e atravessado por variadas formas de violência cotidiana, seja pela ameaça permanente de invasão às suas terras, ou mesmo pela negação de suas culturas.

A partir desta pesquisa que utilizou o referencial eliasiano, observou-se também que a balança de poder pendeu um pouco mais a favor das crianças, especialmente pelo espírito de cuidado, pertencimento e produção de uma responsabilidade coletiva desenvolvida na comunidade. A criança pareceu desenvolver mais a autonomia, podendo influenciar nas disposições, nos tempos, espaços, rituais e instituições da aldeia. Esse poder, no entanto, assim como os fios que constituem as redes de cada indivíduo, não pode ser compreendido como simetrias sociais, já que para Elias, somos sujeitos interdependentes, tecendo, de alguma forma, a vida em meio a condicionantes construídos ao longo do processo civilizatório e do qual somos indissociáveis.

Há uma tensão entre essa lógica do capital que de alguma forma vai comprimindo, desfuncionalizando e procurando imprimir e condicionar suas vidas em uma lógica alienante e do medo. Como contraponto a tudo isso, nos últimos tempos, essas populações têm agido de forma resiliente –amparadas em suas memórias-, procuram retomar o curso do processo civilizador a partir do nós coletivo, como sujeitos de pertencimentos a uma coletividade que não é apenas local/Huni Kuin, mas do interesse de toda a humanidade.

É o processo de construção da identidade da criança indígena Huni Kuin, que vai sendo forjada entre tensões de uma política nacional de extermínio (ainda que velada), uma luta pela resistência que se mostra na vaidade e orgulho via pinturas, cantorias, danças e risadas proferidas enquanto trabalham, mesmo sabendo que o estado de medo é real e sempre procurou/procura se impor sobre a sua gente.

Esses dois campos profundamente contraditórios e indissociáveis, Estado desfuncionalizador X as formas resilientes de ser e agir das populações tradicionais, mostram-se e são vivenciadas pelas crianças, como manifestam em suas falas:

Anaí: Eu vejo as coisas que acontecem com o índio, as coisas que não são boas. (ANAÍ KAXINAWÁ, 9 ANOS);

Mayara: Tem gente que não gosta de índio pintado.

Pesquisador: Não gostam do índio apenas quando ele está pintado, ou não gostam do índio também quando ele não está pintado?

Mayara: Não gostam do índio mesmo sem se pintar. (MAYARA KAXINAWÁ, 11 ANOS);

Jussara: Eu não ligo para as pessoas que não gostam de nossas pinturas, eu gosto de me pintar e me pinto todo dia. (JUSSARA KAXINAWÁ, 10 ANOS);

Iara: As pessoas são violentas e não gostam de índio. Mataram um menino lá em Feijó e depois enterraram. Eu conhecia ele, ele era o filho do cacique da aldeia Paroá que fica lá pra baixo, pegando a canoa e descendo o rio Envira. (IARA KAXINAWÁ, 11 ANOS).

Nesse sentido, para Elias (1994), na rede, todos os sujeitos, mesmo aqueles tomados por fortes condicionantes sociais e econômicos, ou até mesmo aqueles estigmatizados por longos processos de negação de suas culturas, como é o caso dos povos indígenas, sempre podem encontrar pequenas frestas a partir das quais podem enxergar e construir alguma manobra. Na insegurança, ausência e incertezas que turvam as esperanças de todos, encontram alternativas para reanimar o seu povo, na medida em que fortalecem suas lutas coletivas e orgânicas.

Considerações finais

A construção de atitudes resilientes, surge como resposta ao estado de permanente ameaça a que foram e são submetidos esses sujeitos, ameaças diversas que procuram, através de ações estratégicas e planejadas por diversos setores da sociedade representativa do capital financeiro, desqualificá-los em seus direitos, como a pesquisa demonstrou, ao elencar diversas narrativas construídas e proferidas por algumas autoridades representantes do Estado brasileiro, como também ao apresentar dados que expõem o contingenciamento de gastos e o conseqüente abandono de políticas e avanços conquistados em governos anteriores.

As crianças demonstraram nítida consciência de que vivem em ambientes tensionados por todos os lados e expressam isso através de suas falas, desenhos e pelas formas como se manifestam em suas brincadeiras e atividades coletivas.

No caso específico desta pesquisa, entre as crianças Huni Kuin que habitam a região do baixo Rio Envira, município de Feijó, constatou-se:

- a) Que as crianças, com suas ações, são capazes de produzir sentido naquilo que fazem, seja quando participam dos rituais e das festividades tradicionais de seu povo, ou quando exercem alguma função colaborativa, como pesca, caça, plantio e colheita nos roçados, ou quando conectam as pessoas e as aldeias através de seus recados;
- b) As crianças, na medida em que brincam e adentram os diversos espaços na aldeia, vão construindo e reconfigurando os seus territórios, os tornando mais elásticos e capazes de transbordar os limites historicamente impostos à aldeia (alguns, durante a semana, residem

em casas de parentes na cidade, para estudar; o acesso às novas tecnologias, através de celular, quando estão na cidade etc).

Referências

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição**: República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1998.

ELIAS, N. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

IBGE – **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Censo Brasileiro de 2010. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

NEVES, Marcos Vinicius. **Escravidão indígena durou cem anos no Acre**. 2015. Disponível em: <https://agencia.ac.gov.br/>. Acesso em: 09 mai. 2022.

NUNES, Â. No tempo e no espaço: brincadeiras das crianças A'uwê-Xavante. In: SILVA, Aracy da S; MACEDO, Ana Vera L. da S.; NUNES, Silva (Org.). **Crianças Indígenas: Ensaio Antropológico**. São Paulo: Global, 2002.